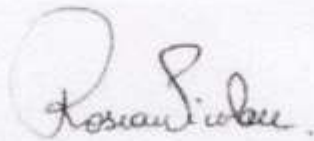


SAMILLE DOS SANTOS OLIVEIRA BASTOS

**O ESTUDO DA GRAMÁTICA E DOS GÊNEROS TEXTUAIS NA
RESSIGNIFICAÇÃO DO ENSINO DE LÍNGUA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura em Letras - Inglês da Universidade Federal da Paraíba, como requisito obrigatório para obtenção do título de Licenciado em Letras - Inglês, defendido e aprovado pela banca examinadora constituída pelos professores:



Prof. Dr. Roseane Bastista Feitosa Nicolau – UFPB
Orientador/Presidente



Prof. Dr. Carla Alecssandra de Melo Bonifácio – UFPB
Membro da Banca Examinadora



Prof. Dr. Juliene Paiva de Araújo Osias – UFPB
Membro da Banca Examinadora

Mamanguape/PB
2020



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
UNIDADE DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA – UEaD
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADA E EDUCAÇÃO - CCAE
LICENCIATURA EM LETRAS LÍNGUA INGLESA A DISTÂNCIA



O ESTUDO DA GRAMÁTICA E DOS GÊNEROS TEXTUAIS NA RESSIGNIFICAÇÃO DO ENSINO DE LÍNGUA

Samille dos Santos Oliveira Bastos – UFPB – millebastos74@hotmail.com

Prof^ª Dr^ª Roseane Batista Feitosa Nicolau – UFPB – rosenicolau.ufpb@gmail.com

Prof^ª Dr^ª Carla Alecsandra de Melo Bonifácio – UFPB – carla.bonifacio@hotmail.com

Prof^ª Dr^ª Juliene Paiva de Araújo Osias – UFPB – julieneosias@gmail.com

RESUMO: É fato que a gramática com suas regras e padrões se mostra o principal modo de enxergar o estudo de uma língua, pois em torno dela são definidas as principais atividades, bem como as correções de textos, o que para muitos alunos se tornou enfado e para professores uma árdua jornada, sem grandes resultados. Nesse contexto, enxergando tais dificuldades e cientes da necessidade de uma mudança no modo de ver o estudo da língua, muitos avanços na visão e no trabalho com a linguagem e também no ramo da linguística aplicada surgiram no final do século passado e neste início de século, na tentativa de dar ao estudo da língua uma forma mais coerente, sem, entretanto, negar a importância do estudo da gramática. Por isso, esse artigo tem como objetivo expor de forma breve uma pesquisa bibliográfica sobre os novos olhares sobre o estudo e ensino da língua focando nas exposições e propostas de três linguistas: Ingedore Koch e Maria Elias, Luiz Travaglia e Irandé Antunes, observando como esses linguistas realçam a visão da linguagem interativa, como enxergam a gramática, bem como a proposta de trabalho de cada um com os gêneros textuais, na busca por ressignificar os estudos da língua e da gramática.

Palavras-chave: Ensino de língua. Linguística aplicada e textual. Gêneros textuais. Gramática.

ABSTRACT: It is a fact that grammar with its rules and standards proves to be the main way of seeing the study of a language, because around it are defined the main activities, as well as the corrections of texts, which for many students became bored and for teachers an arduous journey, without great results. In this context, seeing such difficulties and aware of the need for a change in the way of viewing the study of language, many advances in the vision and work with language and also in the field of applied linguistics appeared at the end of the last century and in the beginning of this century, in an attempt to give the study of the language a more coherent form, without, however, denying the importance of the study of grammar. For this reason, this article aims to briefly expose a bibliographic research on the new perspectives on the study and teaching of the language focusing on the exhibitions and proposals of three linguists: Ingedore Koch and Maria Elias, Luiz Travaglia and Irandé Antunes, observing how these Linguists emphasize the vision of interactive language, as they see the grammar, as well

as the proposal of work of each one with the textual genres, in the search to reframe the studies of the language and the grammar.

Keywords: Language teaching. Applied Linguistics. Text genres. Grammar.

1 INTRODUÇÃO

O modelo escolar que se observa hoje na sociedade, onde o Estado intervém com políticas públicas e diretrizes e onde se dissemina o conhecimento científico, acumulado ao longo dos anos pela humanidade, surgiu no contexto da industrialização e das relações capitalistas de dominação e exploração da classe trabalhadora enrijecidas no meio social.

Dessa forma, ao mesmo tempo em que a escola pode servir para dar suporte técnico e conhecimento, preparando os indivíduos para o mercado de trabalho e para o contexto social vigente, pode servir também como um instrumento de controle, uma forma de subjugar as massas à ideologia e à cultura dominante.

O ensino da língua é um exemplo desse controle, na forma tradicional, pois reproduz um estudo distante da realidade e das práticas sociais. E, aos compêndios de gramática foi, durante muito tempo, atribuído “o papel de instrumento controlador da língua, ao qual caberia conduzir o comportamento verbal dos usuários, pela imposição de modelos ou padrões”. (ANTUNES, 2007, p.36)

De modo geral, criou-se a ideia de que o ensino de língua se resume a conhecer as regras desta e a sua memorização. O desenvolvimento do senso crítico do aluno deveria acontecer apenas em matérias como filosofia, ciências, história, entre outras, quando na verdade, hoje, vemos que esse desenvolvimento deve acontecer em todas as esferas do âmbito escolar.

Mas, há uma luz no fim do túnel para o ensino da língua e da gramática com o uso dos diversos gêneros textuais tendo como ponto de partida a concepção de interação no processo comunicativo. Esta visão pode ser estimulante e eficaz, uma vez que o professor pode contextualizar o ensino dos conteúdos, com, por exemplo, a partir de textos referentes a temas que evoquem a experiência e a vida cotidiana dos alunos, pois eles internalizam cada conteúdo, ao mesmo tempo em que pode refletir sobre sua realidade e agir sobre ela, sem perder de vista sua criatividade e o desenvolvimento das suas próprias opiniões, por meio das muitas interpretações de texto e produções de textos.

É fundamentada na visão dessa realidade, desse ensino desestimulante que precisa mudar, que Irandé Antunes carrega em seus livros lampejos de esperança quando diz que

busca: “...apagar da gramática e do seu ensino as nódoas que encobrem suas cores tão brilhantemente naturais.” (ANTUNES, 2007, p.14)

Nesse sentido, pensamos em realizar uma pesquisa bibliográfica a respeito dos novos olhares sobre a língua como atividade interacional, que se justifica no fato de que quando os professores entendem a importância da concepção de língua como interação, da incorporação dos gêneros textuais no estudo da língua e dos fenômenos gramaticais, de forma dinâmica, passando, dessa forma, a usar os gêneros para ressignificar esse ensino. E, assim, o aluno passa a não ver mais a gramática como algo “solto” e que tem fim em si mesmo, incorporando o estudo da gramática ao texto e a produção textual.

Traçamos como questão norteadora para a realização da pesquisa: como os linguistas aplicados atuais estão a partir do trabalho com os gêneros e a concepção da língua como atividade interativa, ressignificando o estudo da gramática da língua portuguesa ou estrangeira? É, pois, por meio do conhecimento dos estudos da língua, sobretudo da linguística textual e aplicada e da teoria dos gêneros, somado a um trabalho crítico, contextualizado, interativo, como o professor pode fazer a diferença e levar o aluno a pensar, a se tornar mais crítico sobre o que ler e produzir texto com posicionamento a respeito do mundo.

Enfim, o poder transformador da educação pode ser visto também nas aulas de línguas, com o fito de ampliar a visão no âmbito da linguagem de alunos e professores, por isso propomos este trabalho, que tem como objetivo geral: realizar por meio de um estudo bibliográfico, uma explanação das visões de pesquisadores da área de estudos linguísticos, a saber: Ingedore Koch e Maria Elias, Luiz Travaglia e Irandé Antunes e suas propostas para trabalhado com a língua e como os gêneros dando uma ressignificação ao estudo da gramática e da língua portuguesa ou estrangeira. E, como objetivos específicos: expor, de forma breve, o ensino da gramática antes e depois do advento da teoria dos gêneros, de Bakhtin (1985); e apresentar as visões de Antunes, Travaglia e Koch e Elias sobre o ensino da língua e da gramática a partir dos estudos dos gêneros, bem como propostas apresentadas por esses estudiosos da língua, que vêm ressignificando o estudo da gramática.

Dessa forma, esse trabalho está fundamentado em uma análise bibliográfica de obras, que trabalham com a temática de ressignificação do estudo da gramática, tendo como ponto de partida a visão da língua como interação e os gêneros textuais, a saber: *Ler e compreender: os sentidos do texto*, de Koch e Elias; *Gramática e interação: uma proposta para o ensino da gramática no 1º e 2º graus* e *Gramática: Ensino Plural*, de Luís Carlos Travaglia; e, por fim,

Aula e português: encontro & interação e Gramática Contextualizada: limpando o pó das ideias simples, de Irandé Antunes.

Em virtude do exposto, além desta introdução, este trabalho está organizado em dois tópicos, a saber: o primeiro aborda o conceito de gramática, os seus estudo e ensino antes e depois da teoria dos gêneros com Bakhtin; o segundo trata da visão de autores como Koch e Elias, Antunes e Travaglia, sobre a gramática, os gêneros, tendo como aporte a Linguística textual e a Linguística Aplicada, apresenta as visões desses autores, a fim de cumprir o objetivo principal, que é realizada, por meio de um estudo bibliográfico, uma explanação da visão desses estudiosos da área de estudos linguísticos e suas proposições para um trabalho com os gêneros dando uma ressignificação ao estudo da gramática da língua portuguesa ou estrangeira. Por último, é apresentada a conclusão a partir do que foi realizado na pesquisa.

2 BREVE EXPLANAÇÃO SOBRE OS ESTUDOS DA LÍNGUA E DA GRAMÁTICA

No final do século XIX no Brasil, quando se falava em estudos da língua, o ensino já se fundamentava no estudo da gramática. Da leitura e da escrita de autores portugueses privilegiados, passava-se a formar a ideia de que a imitação desses padrões clássicos de escrita resultava no esperado “escrever correto e bem”.

No início do século XX, o ensino de língua no Brasil se mantinha ainda de forma tradicional (e em certas localidades se mantém ainda hoje), buscando, nas escolas, em certa medida, uma homogeneidade padrão no desenvolvimento da escrita, como foco principal do ensino. Mas, foi também no início do século XX, que surgiram teorias linguísticas e a linguística se firmou como ciência. As primeiras ideias da Linguística chegaram no Brasil através das gramáticas de Said Ali que tinha ligação com os estudos europeus (CLARE, 2002).

Contudo, o ensino de Língua Portuguesa no século XX, de forma geral, continuava a se manter voltado à tradição gramatical, buscando-se a uma padronização e se esquecendo da diversidade linguística e da língua como atividade, pois a visão de língua que orientava os estudos, na escola, era a de sistema único, de maneira que aprender o português implicava colocar os alunos em contato com as regras da gramática normativa e, então, transmitir a variedade culta da língua, privilegiada pelas classes dominantes. Além disso, no início do século XX, o ensino destinava-se a uma elite, visto que as camadas populares do Brasil não tinham acesso à escola, já que as vagas eram escassas.

Quando os alunos de classe desprivilegiada começaram a chegar à escola, no início da democratização do ensino na segunda metade do século XX, não apresentavam um domínio razoável do dialeto de prestígio, a norma padrão culta. Então, cabia à escola o ensino da norma padrão da elite, presente na gramática normativa, ponto de apoio do ensino da língua.

Com as camadas populares tendo cada vez mais direito à educação, a clientela da escola pública começa a mudar. As escolas não são mais frequentadas apenas pelos filhos das camadas mais altas da população e o professor passa a ter uma nova preocupação em sala de aula: a heterogeneidade de fala de seus alunos, o que começa a gerar um novo olhar sobre o ensino de língua portuguesa.

Nos anos 50 do século XX, o Governo Federal colocou uma equipe de estudiosos para montar um glossário uniforme em termos da língua portuguesa. Esse glossário foi publicado, em 1959, com o seguinte título de “Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB)”, buscando dar direção aos estudos da língua, sobretudo, a partir da gramática descritiva. Na década de 60 a 80, ampliou-se o ensino público e entrou em vigor a Nova Lei de Diretrizes e Bases, a 5692/71, que colocou a língua nacional como meio de comunicação e expressão da cultura brasileira. Essa visão desmonta o fato de a língua ser encarada como homogênea, já que era preciso que o ensino tivesse olhos para a diversidade cultural e a língua e literatura eram contempladas (CLARE, 2002).

Vale ressaltar que, ao se tomar conta da situação da educação e, especificamente do ensino de língua, precisa-se olhar para o sistema educacional, para a formação dos professores, para os alunos e para as dificuldades no contexto escolar. Essa visão é compartilhada por linguistas a partir dos anos 80 do século XX, quando olham para as aulas de gramática, para os trabalhos com a língua, quando pesquisam as atividades em sala de aula, a metodologia adotada e descobrem que o que é estudado em sala de aula é muito limitado diante da riqueza da linguagem como prática social, como também quando se pensa nas transformações da língua ao longo dos anos, nas suas particularidades decorrentes do contexto, da cultura e da interação, seja no âmbito da escrita, da oralidade ou da leitura se têm essa consciência.

Antunes, em seu livro “Gramática Contextualizada: limpando o pó das ideias simples”, afirma que: “Ao ler sobre linguagem, língua, gramática, textos, literatura e coisas tais toma conta de mim uma grande pena: constatar quanto a escola esconde de nós a imensa riqueza da linguagem, seu enorme significado para a constituição de cada um de nós e da história do mundo!” (ANTUNES, 2014, p.14)

Dessa forma, o ensino da língua vai se tornando menos voltado para regras, normas e mais flexível no momento de observar a norma culta. E, a partir de então, estudar e ensinar a gramática baseada apenas na análise das regras da língua começa a ser visto como algo antiquado, pois em virtude da noção de comunicação, o aluno agora precisa ser visto como emissor e receptor de mensagens por meio de textos verbais e não-verbais. Como diz Soares (Soares, 1998, p.57): “Já não se trata mais de levar ao conhecimento do sistema linguístico – ao saber a respeito da língua – mas ao desenvolvimento das habilidades da expressão e compreensão de mensagens –ao uso da língua”.

Bechara (1986, p. 12), entretanto, ao se refletir sobre o ensino da língua, na década de 80, afirma que a “perseguição à gramática normativa, tradicional é tão errada quanto o privilégio dedicado ao código oral, coloquial, em detrimento do dialeto padrão”. E afirma ainda que essas atitudes “são de natureza monolíngue” e desprezam o fato de que “cada falante é um poliglota na sua própria língua” (BECHARA, 1986, p.13) e, conclui dizendo que “toda língua funcional tem a sua gramática como reflexo de uma técnica linguística que o falante domina e que lhe serve de intercomunicação na comunidade a que pertence” (BECHARA,1986, p.13). A partir dessa fala de Bechara, percebemos que dispomos de várias gramáticas, dentre elas: a internalizada, que usamos com mais frequência, a que nos faz entender a língua, além dela, e a que aprendemos a exercitar na escola com a leitura e a escrita de vários gêneros.

Nas décadas de 90, a LDB nº 9394, de 20/12/1996, em seu Art.36, estabelece que a língua portuguesa será encarada como instrumento de comunicação, acesso ao conhecimento e ao exercício da cidadania, contemplando, assim, todas as modalidades expressivas, sem encará-las de forma privilegiada ou não. Com a implantação desta Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) na década de 90 do século passado, foi produzido o documento denominado Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) que traz para o ensino discussões e propostas de vertentes linguísticas tais como: Análise do Discurso, Linguística Textual e Sociolinguística, para o ensino. Neste documento, a língua é vista como uma atividade internacional, em conformidade com a visão de Bakhtin e seu círculo (BAKHTIN; VOLOSHINOV,2006). Além disso, o trabalho com a língua deve ser pautado no Uso-Reflexão-Uso, tendo como ponto de partida o estudo do texto em seus diferentes gêneros. A concepção de língua, nesse documento, altera o papel desempenhado pelo aluno. Este passa a ser ativo e construtor de suas próprias habilidades e conhecimentos, através de um processo contínuo de interação com outros receptores e com a própria língua, que funciona como código.

Vale ressaltar, que dentro da visão bakhtiniana (1997; 2006) por ser a linguagem interativa, quem usa a língua o faz para agir sobre outrem, nos vários contextos sociais, por meio do uso dos elementos linguísticos.

Na concepção bakhtiniana (1997; 2006), língua e ideologia andam lado a lado. A dinâmica comunicativa apresentada por esse pensador se fundamenta na noção de que, no uso da linguagem, para formação dos vários discursos, há sempre uma relação de dependência, ou seja, ninguém falar “por nada”, bem como ninguém é totalmente original ou constrói discursos baseado apenas em suas convicções individuais completamente puras, todos estão de certa forma sendo influenciado pelo discurso de outrem para se expressar, desde o contexto familiar, até o ciclo social de amigos ou comunidade no qual está inserido.

Dessa forma, é importante uma formação docente e discente respaldada em uma concepção de língua social e dinâmica, o que implica uma visão social e dialógica da língua, na qual as palavras são usadas para produzir enunciados resultantes da interação entre as pessoas como forma de resposta ao que é falado ou ouvido e sob a influência dos contextos dentro dos quais os discursos são proferidos e “os gêneros funcionam como suporte aos enunciados, organizando a nossa fala, da mesma maneira que as formas gramaticais sintáticas a sistematizam” (MUSSIO, 2015).

Nesse sentido de linguagem como atividade interativa, quando fala em gêneros do discurso Bakhtin (1997) afirma que a linguagem é usada de muitas maneiras dentro da comunicação diária para vários fins e de forma oral ou escrita. A partir desse uso da língua de forma colaborativa, surgem os enunciados elaborados para um determinado fim específico que passa a ser reconhecido pelos interlocutores com características específicas, modelos próprios de uso da língua, como formas sociais de dizer: os gêneros discursivos. Dessa forma, cada uso da língua dentro dos campos e eventos discursivos apresenta gêneros do discurso específicos, que mantém então um caráter estável, apesar de cada texto ter em certa medida sua originalidade e ser moldado conforme necessário.

Franchi (1987), Travaglia (1995/1998), Geraldi (1991;1996/1998), Koch (2006/2008), e Antunes (2003/2014) defendem o desenvolvimento linguístico e comunicativo dos alunos por meio das práticas e observações do uso da língua em textos. Esses linguistas defendem também a ideia de que o estudo da gramática, unicamente como metalinguagem, não favorece ao desempenho comunicacional do aluno. Assim, ao invés de regras gramaticais, as aulas de Português devem abranger leitura com comentário, análise e interpretação de gêneros textuais significativos para o aluno. Não se deve pensar que conhecimentos teóricos de Linguística são

a tábua de salvação, como afirma Luft (1994). Para este, o professor deve procurar não a teoria melhor, mas sim a mais eficiente.

Chega-se, portanto, a mais um momento de questionar que gramática queremos ensinar: a gramática entendida como um sistema único ou como algo diversificado? Valoriza-se a língua escrita, a língua oral, ou ambas? Qual a função do texto? Ensina-se redação ou trabalha-se com produção textual? Cobra-se ou incentiva-se a leitura? Parece-nos já se ter chegado a um consenso: ensina-se a gramática valorizando-se todas as modalidades linguísticas, adequadas a cada situação em particular, e o texto deve ser estudado em suas potencialidades expressivas; deve-se trabalhar com produção textual e incentivar sempre a leitura.

Passemos agora para a apresentação da visão dos estudiosos Koch e Elias (2006; 2008), Travaglia (1998; 2003) e Antunes (2003; 2014), sobre a gramática, os gêneros, tendo como aporte a Linguística textual e a Linguística Aplicada, a fim de realizar uma explanação de suas visões e proposições para um trabalho com a língua e com os gêneros dando, assim, uma ressignificação ao estudo da gramática da língua portuguesa ou estrangeira.

3 NOVOS OLHARES SOBRE O ESTUDO E ENSINO DA LÍNGUA: ABORDAGEM METODOLÓGICA E EXPOSIÇÃO DA PESQUISA

A presente pesquisa, no que se refere à abordagem metodológica, caracteriza-se como qualitativa, a qual apresenta uma análise dos estudos feitos por Koch e Elias (2006), Travaglia (1998, 2003) e Antunes (2014) sobre o ensino da gramática e dos gêneros textuais, tendo como aporte a Linguística textual e a Linguística Aplicada.

Para a realização dessa pesquisa foram feitas leituras e fichamentos dos livros: de Koch e Elias (2006) : “ler e compreender: os sentidos do texto”, de Travaglia (1998, 2003): Gramática e interação: uma proposta para o ensino da gramática no 1º e 2º graus e Gramática: Ensino Plural; e de Antunes (2014): “Gramática contextualizada: limpando o pó das ideias simples” ; e, em seguida, buscamos destacar algumas contribuições e relevâncias dessas obras para o ensino da língua, por elas apresentarem visões que dão um novo significado a este ensino. Destacamos ainda que esses livros em estudo já são citados de forma expressiva nos artigos e livros didáticos podendo ser considerados como obras de referência.

3.1 Introduzindo a exposição da pesquisa

A linguagem pode ser, por vezes, assemelhada à pele do corpo, o que torna o seu exercício simplesmente fascinante e ainda mais complexo e interessante. Nas palavras metafóricas do semiólogo Roland Barthes em “Fragmentos do Discurso Amoroso” (2010): “A linguagem é uma pele: fricciono minha linguagem contra o outro. Como se eu tivesse palavras à guisa de dedos, ou dedos na ponta de minhas palavras”. Nessa perspectiva, ainda é possível afirmar que assim como a pele envolve os diferentes membros do corpo humano, a linguagem também é multiforme, sendo a língua falada apenas uma de suas manifestações.

Toda pessoa que se comunica com outrem o faz com uma intenção, logo, sempre espera uma reação. Se esse é o princípio básico da comunicação diária, deve-se ter em mente de forma clara o contexto da interação e a quem está sendo direcionada tal mensagem. Dessa forma, quem a utiliza o faz com uma intenção, em um contexto específico, esperando uma reação, isso deve ser claro na aula, é papel do professor de línguas, iluminar os olhos dos alunos, para caminhar com destreza o longo e complexo caminho da linguagem.

É na vontade árdua de ressignificar o ensino da língua e da gramática e dar aos professores um fundamento sólido sobre o estudo da língua e da linguagem que estudiosos e pesquisadores como Ingedore Koch e Vanda Elias (2006), Luiz Carlos Travaglia (1998/2003) e Irandé Antunes (2003/2014), se debruçam sobre o tema, na busca pela construção de materiais que tragam luz e esperança, ao caminho de mudança tão almejado. Assim, trabalhar a língua dentro da perspectiva textual tem sido um importante e imprescindível “farol” nesse longo e pedregoso caminho. Isso é o que veremos a seguir.

3.2 A ressignificação do ensino da língua e da gramática

A partir de novos olhares sobre o estudo e ensino da língua focamos nossa pesquisa na exposição e propostas de Ingedore Koch e Elisa Elias, Luiz Travaglia e Irandé Antunes, que partiram da concepção de língua como interação e da proposta de trabalho como os gêneros textuais, buscando ressignificar os estudos e ensino da língua e da gramática no Brasil.

3.2.1 Contribuições de Koch e Elias

Koch e Elias (2006) em seu livro “Ler e compreender: os sentidos do texto”, voltam-se para o ambiente da leitura e produção textual, consciente da noção de linguagem interativa, a partir das ideias da linguística textual. Vale dizer que, para falar dos gêneros textuais no sentido de ressignificar a gramática, nesse livro, as autoras apresentam uma

didática e estratégia de ensino voltada para a leitura e interpretação textual. Assim, para compreender a leitura, o aluno lança mão de várias estratégias como a inferência, seu conhecimento de mundo na direção de possíveis interpretações, o que torna as aulas de línguas muito mais produtivas, afinal, constrói-se sentidos e opiniões.

As autoras defendem a ideia de que o papel do contexto é um dos pontos centrais no processo de leitura e produção de sentido de textos. Com essa ideia, foram alteradas pesquisas feitas anteriormente dizendo que o contexto era apenas um entorno verbal do texto, a partir de então podemos dizer que para se estabelecer uma interlocução entre duas ou mais pessoas o contexto é definitivamente necessário.

Neste sentido, o ato da leitura, além do conhecimento de mundo e do conhecimento que é compartilhado, precisa-se do conhecimento linguístico e cognitivo, o que não impede, portanto, que o professor trabalhe, por exemplo, vocabulário, questões de verbo, regência, concordância, assuntos do âmbito gramatical de forma mais dinâmica, como destacar -se no livro.

Segundo as autoras, uma mesma expressão ou palavra pode ter seu significado modificado por motivos contextuais, e isso precisa ser aprendido e mostrado ao aluno. O trabalho com os diversos gêneros textuais quando bem feito e organizado pode ser bem útil e criativo para tal feito, o aluno consegue entender fatores textuais como a intertextualidade, coerência, coesão textual.

Por fim, segundo Koch, na medida que o aluno desenvolve a capacidade de compreender os gêneros textuais, ele entende e se torna competente para se relacionar com os diversos textos, nas diferentes esferas sociais, porque ele entende a função e característica e a gramática de cada gênero, sabendo como interpretá-lo e produzi-lo conforme o contexto social. Dessa maneira, pode-se dizer que a forma como o leitor lê uma propaganda é diferente, por exemplo, da forma como lê um artigo de jornal, é o que elas chamam de competência metagenérica. Com os gêneros textuais também é possível trabalhar os diferentes fenômenos que acontecem no texto como: alegoria, alusões, metáforas, ironia, humor. É importante, conforme as ideias apresentadas por Koch e Elias, que o aluno seja exposto a realidades linguísticas, para se tornar um leitor mais experiente e coerente, com a habilidade de descobrir nos textos seus significados, já que nada é colocado por acaso, é o professor deve mediar na exploração das riquezas da linguagem.

Sendo assim, este livro procura caracterizar o texto como o ambiente passível de ocorrer interações entre as pessoas, através das múltiplas atividades linguísticas e dentro de um modelo sociocognitivo que fundamenta a sua produção. Nesse contexto, a organização

textual e suas características peculiares de cada gênero, bem como as palavras escolhidas e os diferentes efeitos de sentidos criam uma ligação entre o autor e o leitor, sendo o segundo aquele que busca o entendimento do texto, procurando as intenções, sejam explícitas ou implícitas, do autor. Portanto, o leitor pode não apenas reproduzir o que o autor está dizendo, mas fazer acréscimos, usar suas próprias palavras e conhecimento para compreender.

Nessa perspectiva, uma das razões pelas quais a gramática não deve ser hegemônica é o fato de que o texto deve ser visto como lugar de interação, pois no momento em que ele estiver diante dos diversos gêneros e observar, por exemplo, figuras de linguagem, e por vezes não ver sentido algum na articulação das palavras, ou ter em mente que não coopera para o entendimento das intenções do autor, o aluno terá dificuldades de fazer uma interpretação mais coerente. Infelizmente, na maioria das salas de aula, a leitura ainda é vista pelos alunos como uma mera decodificação de palavras.

Portanto, o objetivo do livro é trazer de forma simplificada as principais instruções e estratégias para que os leitores entendam como funciona a leitura e interpretação de um texto a partir do contexto e do que seu autor apresenta para fazer tal ação de forma mais produtiva. Nesse contexto, o livro também procura trabalhar os diversos gêneros textuais em suas características próprias, existe o destaque aos pontos mais corriqueiros da interação verbal. Assim, esse é um livro bastante prático sobre o desenvolvimento do ato da leitura.

3.2.2 Contribuições de Travaglia

Em sequência, um outro pesquisador que reforça a importância de um ensino gramatical mais coerente e contextualizado é Luiz Carlos Travaglia (1998, 2003). É possível perceber que em seus livros *Gramática e interação: uma proposta para o ensino da gramática no 1º e 2º graus* e *Gramática: Ensino Plural* que há dois enfoques principais para o ensino, de um lado o desenvolvimento da capacidade comunicativa do aluno, que precisa ser trabalhada e do outro, o ensino da gramática que deve ser mais sistematizado e interativo.

Assim, Travaglia (1998) enxerga a gramática a partir de quatro ângulos: “gramática de uso”, “gramática teórica”, “gramática normativa” e “gramática reflexiva”. Em sua proposta, a partir da noção de “gramática reflexiva” e “gramática normativa”, o aluno aprende a adequar a linguagem a cada contexto de comunicação, entendendo assim seus fenômenos, variações, diferenças e sentidos. Esse autor também destaca a importância da perspectiva teórica da gramática no ensino de língua, para fazer com que o aluno veja como a língua funciona e como se articula, conhecer o seu lado cultural e histórico, seja instrumentalizado para

conhecer seus recursos e elementos teóricos, desenvolva o pensamento e raciocínio crítico. Por outro lado, a gramática de uso estaria relacionada a atividades para que o aluno conheça os fenômenos, variações, diferenças e sentidos da língua, por exemplo, estudar as conjunções que deveriam ser usadas em determinadas comunicações escritas, colocar trechos do texto da norma culta para a linguagem do cotidiano e vice-versa.

A partir da noção que Travaglia tem do ensino da língua e da gramática, pode-se entender que na sua proposta, a visão que ele tem da gramática é de que o seu ensino deve ser estruturado, tomando assim, uma forma mais sistemática. Vale lembrar, que nas pesquisas desse autor parece existir um movimento para que tudo, desde as atividades de classificação, sintaxe e estudo de frases, até o estudo da história da língua, seus dialetos e transformações, e chegando no momento da leitura, produção e interpretação de texto, todos esses momentos devem ser trabalhados em sala, mas, com a responsabilidade de fazer o aluno ampliar a visão da linguagem e da língua.

Dentro dessa visão, os gêneros textuais podem ser trabalhados em sua proposta com diversos textos orais ou escritos, o professor pode refletir e discutir com o aluno sobre contexto formal e informal, forma adequada e inadequada de uso da língua, dessa ou daquela palavra, alternativa cabíveis para produzir um determinado sentido no texto, variação linguística, concordância. Ao longo do tempo, os alunos vão percebendo tudo isso, em situações reais da língua, em certa medida para isso serve os gêneros textuais, para trazer a gramática para a realidade, para que ela seja menos abstrata e mais concreta.

Em segundo lugar, a forma como Travaglia enxerga o estudo da gramática, a noção de linguagem e também de gêneros textuais dentro de uma proposta mais estruturada faz com que o aluno não se comporte como produtor da língua, no sentido de usá-la de qualquer forma, pois ele entende novas possibilidades e recursos para usar a língua de forma adequada a cada situação de comunicação. Assim, é importante que ele saiba bem a norma culta, para usar em situações de comunicação formal. Mas, é necessário ponderar que cada situação exige um grau de conhecimento da língua estudada, a própria sistematização do estudo apresentada em Travaglia vem como forma de mostrar isso também, os usuários de uma língua não fazem o que querem com ela. Tanto a fluidez da linguagem e, em certa medida, os seus limites impostos por cada contexto, desde o oral até o escrito precisam ser conhecidos, com o fito do aluno desenvolver sua competência comunicativa.

Em terceiro lugar, o professor pode usar os gêneros textuais para abordar as palavras no âmbito da morfologia, pode-se estudar com os alunos a função das preposições, possibilidades de alternar o sentido em um determinado contexto. Ainda nesse caminho,

Travaglia fala que toda comunicação deve ter um recurso básico de sentido, o aluno pode aprender sobre o tempo cronológico da vida real e o tempo do texto, é o momento em que a comunicação seja falada ou escrita é produzida pelo interlocutor e recebida pelo destinatário. Dentro dessa noção de tempo no âmbito dos gêneros textuais, é possível trabalhar as classes de palavras de forma mais contextualizada, como verbos, advérbios e numerais etc.

Por fim, é importante destacar que esse linguista traz o ensino da língua sob dois primas: “ensinar a língua, resulta em habilidades de uso da língua e ensinar a língua resulta em conhecimento teórico (descritivo e explicativo) sobre a língua e pode desenvolver a habilidade de análise de fatos da língua” (TRAVAGLIA, 2003, p.77). Essas práticas devem ser consideradas para o bom desempenho linguístico, bem como seremos conhecedores da língua que falamos.

Além disso, alguns pontos da teoria de Travaglia contidos na sua obra, ainda são de importante valor. Em *Gramática Ensino Plural*, esse pensador expressa que é importante o ensino da gramática e da língua materna de forma mais eficiente, uma vez que as pessoas com um maior desenvolvimento linguístico, porque se movimentam de forma mais adequada, articulando os sentidos das palavras de acordo a necessidade e ao contexto, isso tem ligação com a cidadania e uma melhor qualidade de vida, uma vez que a língua e a linguagem é o “molde” pelo qual se expressa as crenças, a cultura, bem como a reflexão sobre o mundo e sobre outrem.

Portanto, Travaglia, em suas obras apresentadas, destaca a importância da língua e de seu estudo, por ser a língua o principal meio de comunicação entre as pessoas e do seu sustento em todas as áreas. Sendo assim, por a língua ter vários efeitos de sentido e inúmeros significados, a depender do contexto e do gênero apresentado, ele aborda também a questão da gramática vista como um meio de funcionamento da língua, e não como uma mera teoria da mesma, por isso não há como separar gramática de língua, nem de texto. Além disso, ele também apresenta exemplos de como trabalhar a gramática na perspectiva do texto e de forma sistematizada, pois o trabalho com o texto envolve desde a forma e organização dos recursos textuais, até questões relacionadas à construção de significado e sentido.

3.2.3 Contribuições de Antunes

Nessa continuidade, vale lembrar, que ainda dentro ressignificação dos estudo e ensino da língua, temos a linguista Antunes (2014), que em seu livro *Gramática contextualizada: limpando o pó das ideias simples* trata do estudo da língua no Brasil,

destacando a preocupação com a situação do letramento, mais precisamente, em quais condições ele é realizado. Existe, na visão dessa autora, uma necessidade de corroborar a noção de que a gramática tem seu lugar no ensino, mas ela não é suficiente para descortinar ao aluno toda riqueza e amplitude da atividade linguística. Aqui, ressalta-se também a importância da escola de se preocupar com o desenvolvimento da leitura e da escrita, já que nos muitos contextos diários é o trabalho linguístico que sempre se manifesta e nos torna participantes de uma comunidade, nos fazendo construir opiniões das mais diversas, sobre os mais variados temas, enfim, nos aproximando de outrem.

Em seguida, Antunes destaca dois fatores muito importantes sobre o ensino da gramática, o primeiro é a questão do conformismo em relação ao ensino da gramática tradicional. Essa visão, tem levado professores a acreditarem que o estudo da língua seja completo e perfeito quando se trabalha apenas a gramática com suas muitas regras, o que se configura um pensamento demasiadamente equivocado.

Ainda, segundo esta linguista, existe nos professores uma falsa noção de segurança e eficácia, ao olhar para o desenvolvimento pedagógico do seu trabalho, o que torna a necessidade de desconstruir e mostrar um novo rumo uma tarefa ainda mais urgente, mais séria. Para essa autora o ensino de língua é ligado a inclusão social e deve também se atentar aos avanços no campo da linguagem, para tirá-lo do campo das ideias e teorias padronizadas sobre esse estudo.

Irândé ainda busca mostrar a seriedade que é se tratar do ensino de língua, é bastante contundente, pensar que da relação que o aluno tem a linguagem e o ensino de língua, o que aprende sobre gramática, e até o que deixa de aprender na escola se relaciona diretamente, com a fluidez e o bom desenvolvimento, no campo das muitas atividades linguísticas que nos cercam, sejam elas, no âmbito da leitura, ou oralidade das mais simples até as mais complexas. É fato, que existe para a autora uma necessidade de mostrar que a concepção de gramática está muito acima ou é muito mais ampla do que a gramática da língua que é apresentada na escola, tanto é que ela não se furta a dizer que a escola parece esconder de nós a forma mais coerente de trabalho com a gramática. Vale dizer, que a língua está totalmente relacionada ao fundamento no qual está firmado o trabalho docente, ou seja, a concepção de gramática e de língua que o professor tem, faz ele priorizar determinados assuntos ou formas de trabalho em detrimento de outros.

Nesse sentido, quando se trabalha uma gramática envolta de regras e classificações, Antunes (2014) é enfática em destacar que a concepção de língua e texto que se tem nesse caso, é de uma língua abstrata, “solta”, onde a expressão comunicativa não tem intenção,

forma, ou contexto de fala. Por isso, acreditar que esse trabalho é suficiente para o desenvolvimento completo do aluno é muito grave, pois sabemos que a língua no nosso dia a dia não é assim, o que caracteriza improdutividade e incoerência, pois a riqueza da linguagem está na capacidade que temos de valorizar e reconhecer o espaço e o papel do outro em nossas mais variadas formas de interação.

Por isso, em *Gramática contextualizada: limpando o pó das ideias simples*, Irandé Antunes ressalta que é importante que o ensino da gramática esteja em sintonia com as diversas práticas sociais e as variações linguísticas em decorrência, sendo incoerente, portanto, abordá-la fora de contextos de fala e interação, pois a língua não é estática. Ainda nesse sentido, é faz-se necessário que o aluno conheça a língua estudada, para saber como as palavras, as regras, se articulam, tendo um contato mais empírico e dinâmico com o funcionamento da mesma, por isso ela aponta a relevância da leitura e da escrita, o que se relaciona de forma direta com a noção de gêneros textuais, segundo a autora, “A língua em uso está fora dessas atividades da escola; por isso mesmo, essa língua não provoca interesse e, muito menos, entusiasmo ou admiração” (ANTUNES, 2014, p. 82).

Vale ressaltar, que ao falar de uma gramática contextualizada e de um trabalho que seja mais coerente e dê mais suporte ao aluno no entendimento da língua em uso, Antunes destaca que a escola e o professor de língua tem o papel de fazer com que o aluno entenda sobre a língua, seu funcionamento, seu papel na comunidade de forma geral. Assim, ao falar dos gêneros textuais em primeiro lugar quando são abordados no ambiente da gramática normativa desperta nos alunos o senso crítico e uma visão mais ampla sobre os recursos da língua, além das regras. É fundamental falar que as regras gramaticais quando articuladas nos diferentes contextos de fala e de escrita, apresentam variação, por isso, a escrita de um poema é diferente da escrita de uma propaganda, porque por trás de todo texto há uma intencionalidade diferente, um poema, por exemplo, pode ser escrito com várias intenções, de provocar emoção, falar de um amor não correspondido etc., já uma propaganda, pode ter palavras, imagens para convencer, persuadir, informar.

Por outro lado, em um contexto de fala informal, as palavras e regras são articuladas de forma diferente e é essa a riqueza da linguagem, em constante movimento e mais real que o aluno deve conhecer. Pode-se dizer até que a norma padrão da língua que se conhece na escola, o famoso “jeito certo” de falar e se expressar é apenas parte de toda a atividade linguística que o aluno pode conhecer e o trabalho com os gêneros textuais dos variados tipos possibilita que o aluno explore e amplie a visão sobre a própria língua.

Em segundo lugar, a crítica que Irandé (2014) fez ao ensino da gramática baseado em frases soltas, é porque para esta o aluno deve desenvolver a habilidade de comunicação e expressão da linguagem e equiparando isso ao senso crítico. Assim, na escola ele deve apenas aprender regras de como falar ou escrever bem, ele deve desenvolver a habilidade de refletir sobre o que lê e o que ouve, para não ser um analfabeto funcional, para não apenas decodificar palavras, mas dar a elas significado dentro do contexto.

Vale ressaltar, que a seriedade dessa realidade deve impactar a forma como se enxerga as aulas de línguas no Brasil, porque não são poucos os casos de alunos que leem e não sabem interpretar o que leu, que ouvem e não sabem opinar sobre o que ouviu, têm uma visão sobre a linguagem não muito clara, o difícil é olhar para as atividades de gramática e perceber que os professores se emergiram nessa realidade que tem transformado a língua em um instrumento homogêneo e não abrindo possibilidades para explorar o movimento da linguagem. Em terceiro lugar, ao falar do texto e sua importância para o ensino gramatical, a autora afirma que é necessário que as regras gramaticais se encontrem com o sentido do texto e todos os outros elementos que constituem o texto, seja seus fenômenos, funções, semântica, efeitos etc.

Ao defender uma gramática mais contextualizada com a noção de gêneros textuais, a pesquisadora aponta a necessidade de o ensino ser mais palpável e mais próximo do cotidiano do aluno e menos excludente. Portanto, o objetivo deste livro é mostrar como o letramento é importante para o desenvolvimento de uma comunidade. Além disso, Antunes (2014) destaca a importância de uma competência linguística, para atuação coerente nas muitas atividades sociais, e dentro dos mais variados contextos, ela também procura abordar o ensino-aprendizagem da língua nas escolas, mostrando o que é e como se dar o trabalho de contextualização da gramática, trabalhada na perspectiva do texto.

Assim, a autora foca na tradição escolar de hegemonia da gramática, do trabalho com as regras e as frases “soltas”, mostrando o prejuízo dessa tradição para o ensino de língua mais real, cotidiana, enfim, mais palpável. Em suma, ela quer demonstrar que a gramática deve fazer parte do ensino, mas não deve ter fim em “si mesma”, deve-se ter um ensino além da gramática tradicional, que mostre a riqueza da língua e da linguagem, em múltiplas formas, efeitos, significados e sentidos.

Por fim, fizemos um quadro sinóptico, destacando algumas das principais contribuições desses linguistas, expostos a seguir.

**QUADRO SINÓPTICO DE CONTRIBUIÇÕES DOS AUTORES KOCH E ELIAS,
TRAVAGLIA E ANTUNES PARA O ENSINO DE LÍNGUA**

KOCH E ELISA (2006)	TRAVAGLIA (1998,2003)	ANTUNES (2014)
Visão sociointeracionista	Visão interacional e sistêmica da língua	Visão social e interacional da língua
Volta-se para uma abordagem da língua pelo viés da linguística textual e suas contribuições.	Volta-se para uma abordagem da gramática de forma mais organizada e sistemática, privilegiando também o estudo da cultura e da história da língua.	Volta-se para a visão de que a gramática tem seu lugar no ensino da língua, mas não é suficiente em meio a toda a riqueza da atividade linguística.
Ênfase na leitura e produção textual, com destaque para a ideia de que o contexto é o ponto principal para a interpretação.	Ênfase nos fenômenos linguísticos, variações de sentidos, diferenças da língua de cada contexto de comunicação.	Ênfase na forma como se trabalha o estudo da língua em sala, que pode ser um fator determinante para fenômenos, como a inclusão ou exclusão social.
Destaque para didática e estratégia de interpretação textual como por exemplo, a inferência.	Destaque para o trabalho com as classificações, frases e sintaxe, até o trabalho com a história, transformações linguísticas e o estudo dos gêneros textuais, sua produção e interpretação.	Destaque a falsa segurança do professor de que seu trabalho está sendo pleno e eficaz quando feito apenas no âmbito da gramática tradicional.
Compreensão de que o aluno deve conhecer a gramática, mas também precisa conhecer os fatores de textualidade, por meio dos gêneros.	A gramática deve ser vista como um meio de funcionamento da língua e não como uma mera descrição dela, por isso não há como separá-la do texto. E, o trabalho com os gêneros textuais faz a gramática ser menos abstrata, torna-se mais próxima da realidade do aluno.	O ensino da gramática deve estar em sintonia com as diversas práticas sociais e as variações linguísticas em decorrência; sendo incoerente, portanto, abordá-la fora de contextos de fala e interação, pois a língua não é estática. E ainda, defende o ensino de uma gramática mais contextualizada com a noção de gêneros textuais.
O texto é visto como ambiente de interação e do leitor como alguém ativo, que usa recursos e estratégias inerentes ao seu conhecimento de mundo e	Entendimento de que um estudo mais organizado e mais abrangente da língua, faz o aluno conhecer tanto a fluidez da linguagem, como em certa medida, seus	Há a necessidade de um trabalho com o texto e suas diversas interações. O aluno deve não apenas conhecer a regras, mas, desenvolver habilidade, pensar

linguístico a fim de desvendar as intenções do autor e refletir criticamente sobre elas.	limites.	criticamente sobre o que ler.
--	----------	-------------------------------

Fonte: Autora da pesquisa (2020).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, é importante destacar o esforço dos linguistas como: Koch e Elisa, Travaglia e Antunes em mostrar que o ensino da língua e da gramática precisa ser pensado de forma mais ampla e no âmbito do contexto dos estudos linguísticos. Assim, vale dizer que para que o professor trabalhe com os gêneros textuais, visando uma melhor eficácia no ensino de língua, faz-se necessário, antes de tudo, que ele entenda a noção de linguagem interativa, pois não se fala “do nada”, não se articula as palavras e expressões sem nenhum motivo e intenção, esse deve ser o principal fundamento de suas ações docentes.

Vale ressaltar, que é importante tal pensamento já que o ensino da gramática, ainda é apresentado de forma descontextualizada e dividida, o que certa medida coopera para transformar o ensino da língua em algo enfadonho e, muitas vezes, sem sentido que produz estresse e desinteresse. O ensino de um conteúdo gramatical baseado em regras apenas é por si só um ensino equivocado que precisa de mudanças, já que é necessário também pensar, que por trás de toda língua existe, uma história, uma cultura, um povo, povo esse, que a linguagem de várias formas, para os mais diversos fins. Pensando nisso, o professor deve aperfeiçoar-se no seu trabalho, porque às vezes, as reclamações de que os alunos são desatentos nas aulas, tente a ser resultado, muito mais do conteúdo apresentado de forma equivocada, do que propriamente, resultado do desinteresse pelo estudo da língua.

O aluno deve ser ensinado e aprender a revisar as regras dentro de contextos específicos de interação verbal, vendo como o funcionamento da língua se articula dentro de cada contexto e cultura, por causa da natureza interativa da linguagem. Além disso, ele consegue ver a criatividade e a conhecimento de mundo sendo passado tanto quando ele analisa os diferentes tipos de texto e a opinião de quem o produziu, conseguindo refletir criticamente, como também no momento da produção textual, quem escreve um texto, tenta dar a ele um sentido, bem como pode expor nele suas impressões sobre o mundo ou traços de suas próprias experiências diárias. Na construção do sentido de um texto ou interação, tanto seu contexto, como o conhecimento gramatical são importantes.

Para ensinar os fenômenos da linguagem é preciso que se explore os textos, não a gramática “solta”, como mostra de muitas formas Koch e Elias, Travaglia e Antunes. É importante destacar que Antunes acredita que a gramática tradicional não é tudo, ela deve ser mais reflexiva e traz um panorama da realidade do ensino. Travaglia aborda de forma bem sistematizada a noção de que quem estuda a língua deve entender que seus usuários não fazem o que querem com ela, a língua tem padrão, fenômeno e efeito. Koch e Elias enfatizam que os fenômenos da linguagem devem ser conhecidos no âmbito do texto e dos gêneros.

Por fim, é importante pensar que mudanças no âmbito do ensino de língua exige um longo processo, ainda mais, em um ambiente onde o ensino da gramática tradicional se consolidou e onde esse ensino já passa segurança para o professor, mas existe de fato nas pesquisas e falas de autores como esses um anseio por mudança. O novo sempre nos assusta, mas, sem ele não há renovação e evolução, o professor precisa estar preparado para tal realidade.

REFERÊNCIAS

- ALI, M. Said. **Gramática histórica da língua portuguesa**. 2.ed. São Paulo: Melhoramentos, 1931.
- ANTUNES, Irandé Costa. **Muito além da gramática: Por um ensino sem pedras no caminho**. 1ª Edição. Belo Horizonte: Ed. Parábola, 2007
- ANTUNES, Irandé Costa. **Gramática Contextualizada: limpando o pó das ideias simples**. São Paulo: Parábola, 2014.
- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BAKHTIN, M.; VOLOSHINOV, V. N. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2006.
- BARTHES, Roland. **Fragmentos de um discurso amoroso**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- BECHARA, Evanildo. **Ensino da gramática: opressão? liberdade?** 2.ed. São Paulo: Ática, 1986
- BORTONI, Stella. **Resenha do livro Ler e Compreender-** Ingedore Koch e Vanda Maria Elias. Disponível em <http://www.stellabortoni.com.br/index.php/artigos/1243translate> acessado em agosto de 2020.
- CAMPOS, Elenice. **Reflexões sobre o ensino da gramática**. Portal dia a dia educação.

CLARE, Nícia de Andrade Verdini. **Ensino de Língua Portuguesa: teorias, reflexões e prática**", Tese de Doutorado defendida na UFF em 2002.

FRANCHI, Carlos. Criatividade e gramática. In: **Trabalhos em Linguística Aplicada**, 9. Campinas-SP: Mercado de Letras, 1987.

GERALDI, João Wanderley. **Linguagem e ensino: exercícios de militância e divulgação**. 2.ed. Campinas-SP: Mercado de Letras, 1998.

KOCH, Ingedore; ELIAS, Vanda. **Ler e compreender: os sentidos do texto**. São Paulo: Contexto, 2006.

LUFT, Celso Pedro. **Língua e liberdade**. 3. ed. São Paulo: Ática, 1994

MATOS, Neusangela. Resenha do Livro Gramática Contextualizada Limpando o pó das ideias simples de Irandé Antunes. **Interfaces**, Belo Horizonte, v. 2, n. 1, 2016. Disponível em: <file:///C:/Users/cyber%20eletronica/Downloads/39-234-2-PB.pdf>. Acesso em: 18 jul. 2020.

MUSSIO, Simone. Um olhar alteritário em Bakhtin: o estudo do enunciado como forma de diálogo. **Revista Soletras - Estudos linguísticos**. N.30 (2015.2). Disponível em: <file:///C:/Users/marco/Downloads/16522-70666-1-PB.pdf>. Acesso em: 08 set.2020.

SOARES, Magda. **Linguagem e escola: perspectiva social**. São Paulo: Ática, 1986

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Gramática e interação: uma proposta para o ensino da gramática no 1º e 2º graus**. São Paulo: Cortez, 1998.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Gramática: Ensino Plural**. São Paulo: Cortez, 2003.